

Hoje, buscar em meio à vasta gráfica que encobre as superfícies da cidade, algo que surpreenda e se afaste das soluções exaustivamente utilizadas é tarefa difícil; tanto mais quando nos aproximamos dos centros de maior movimento.

No entanto, ao olharmos as fotos de um determinado local, tiradas em diferentes épocas — mesmo que sejam de períodos não muito distantes — observamos uma nítida mudança que indica extraordinária renovação ocorrida ao longo do tempo. Quer parecer que o processo de criação desta gráfica, se por um lado é limitado pelos modos correntes de produzi-la, e por uma submissão a padrões vigentes naquele momento que são banalizadores desta mesma gráfica, por outro, apresenta mudanças que se farão notar mesmo quando passados apenas alguns poucos anos.

Diversos são os fatores que exercem uma atuação constante e sistemática nessas transformações por que passa a Gráfica Urbana, e que se manifestam no universo gráfico visual da cidade.

O crescimento urbano é um componente determinante e de imediata observação dessa transformação: a expansão acelerada e desordenada da cidade acentua simultaneamente o desenvolvimento e a proliferação das zonas periféricas e a extrema concentração nos grandes centros comerciais mais antigos. Neste conjunto em expansão constante, a gráfica vai ocupando seu espaço, acumulando-se, revestindo fachadas sem considerar a própria arquitetura, estendendo-se pelas vias de circulação, tomando formas e dimensões as mais diferenciadas.

Os padrões de gosto também atuam como elemento transformador, visto que estão em permanente alteração, sofrendo influências ligadas a costumes, hábitos, aspirações, valores, etc.

Numa ordem acima e a explicar estes fenômenos está um raciocínio de natureza econômica. A presença cada vez maior das empresas multinacionais em nosso meio explica os padrões importados que se refletem nitidamente no universo gráfico. Essa presença se manifesta direta ou indiretamente através de nomes, marcas e modelos. Se por um lado tais importações trazem contribuições do ponto de vista prático e utilitário, por outro passam a veicular padrões generalizados e desvinculados da nossa realidade. O referencial já conhecido e familiar cede lugar a um cosmopolitismo que indiferencia, a uma padronização de aspectos da cultura desvinculados das especificidades regionais.

As mudanças na gráfica do comércio podem ainda ser observadas como reflexo do processo de alteração contínua e acelerada da atividade comercial. Geram uma gráfica mutável que vai se tornando improvisada e precária à medida que o tempo útil da informação se reduz, desatualizando-a rapidamente. Os produtos são lançados por períodos previstos e controlados de permanência no mercado, e os preços, sem qualquer previsão ou controle, sobem permanentemente. De nada adianta o comerciante encomendar uma placa a uma oficina para informar o preço de sua mercadoria, se ele já sabe que amanhã o preço será outro. Em lugar disso, o sistema é "aperfeiçoado", permitindo a rápida substituição. Algumas formas de suporte são desenvolvidas para que possibilitem estas alterações. A folha de cartolina e a caneta hidrográfica tornam-se instrumentos adequados a essa necessidade.

Dentro dessa mesma mecânica, as mudanças na Gráfica Urbana ocorrem em espaços de tempo relativamente curtos, inclusive devido à substituição dos próprios estabelecimentos comerciais, que de perto acompanham as flutuações da economia. Com essa perspectiva, os materiais e soluções precárias são utilizados com maior frequência, acentuando ainda mais o processo de transformação do meio urbano.

Estas transformações já não atingem a periferia deste sistema comercial somente após terem estagiado algum tempo no centro, mas afetam cada vez mais rapidamente a totalidade deste organismo que vive na metrópole. Uma consequência deste fato é o que ocorre na paisagem da cidade, ao serem

transferidos determinados padrões de um bairro para outro, uniformizando suas grafias.